

O Brasil vai virar uma Venezuela? A construção da distopia em grupos bolsonaristas¹

Taís CINTRA²

Carolina Dantas de FIGUEIREDO³

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

O artigo propõe investigar as citações distópicas baseadas em desinformação e que são frequentemente encontradas nos grupos de *WhatsApp* bolsonaristas. Tais narrativas foram responsáveis pela criação de um imaginário político-social do que poderia vir a ser o Brasil caso o candidato Lula, do Partido dos Trabalhadores, vencesse as eleições. A partir da netnografia como processo metodológico, foram analisadas as mensagens de um grupo de extrema direita das 17h do dia 30 de outubro de 2022, quando ocorrem as eleições presidenciais do segundo turno, até às 17h do dia seguinte, momento em que Lula já havia sido declarado presidente eleito. Com os dados coletados e a pesquisa bibliográfica, foram relacionadas as situações em que houve conexão entre a distopia, a desinformação e a construção do imaginário político-social no Brasil.

Palavras-chave: desinformação; distopia; *whatsapp*; comunicação

Introdução

Nos últimos anos, a polarização política no Brasil tomou conta dos ambientes midiáticos digitais e, com isso, trouxe uma nova forma de disseminar opiniões sociais e políticas. Neste contexto, a desinformação encontrou terreno fértil. É comum ver, nestes espaços, que a dominação do outro pressupõe a sobreposição de narrativas desconexas com a realidade. Os grupos de *Whatsapp* bolsonaristas ganham destaque nesta nova dinâmica de desinformação e passam a propagar citações distópicas, ou seja, visões de mundo de uma sociedade imaginária.

Era muito comum, por exemplo, ouvir que, caso o Partido dos Trabalhadores vencesse a eleição presidencial, Lula levaria o Brasil a um cenário semelhante ao da Venezuela. O país caribenho presidido por Nicolás Maduro é frequentemente associado

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Mídias e Liberdade de Expressão, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE. Bolsista de mestrado pela Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE). Email: tais.cintra@ufpe.br

³ Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, email: carolina.figueiredo@ufpe.br

ao socialismo, sistema político que prega a coletivização dos meios de produção, a extinção da propriedade privada e das classes sociais. A ideia de socialismo é extremamente temida pela direita por acreditarem que haverá um rigoroso controle do Estado sobre a população. O que nos faz lembrar a distopia 1984, de George Orwell, no qual as pessoas são constantemente monitoradas e controladas em todos os aspectos de sua vida. Tal qual a narrativa do livro, acreditar que o Brasil vai virar uma Venezuela é acreditar em um futuro distópico.

Para a realização desta pesquisa, é preciso estar atento ao conceito de *fake news*. O termo vem ganhando muito destaque e sendo “apropriado e usado de maneira enganadora por participantes poderosos para refutar reportagens que não são do seu interesse” (EUROPEAN COMMISSION, 2018). Para Allcott e Gentzkow (2017), *fake news* são definidas como artigos de notícias que são intencionalmente falsos e possíveis de verificação como tal, e que podem enganar os leitores. As proposições distópicas se mostram como parte do fenômeno das *fake news*, pois a desinformação pode moldar discursos para situações não realistas e alimentar o medo entre os membros desses grupos. Desta forma, presume-se que, nestas comunidades digitais, os discursos distópicos também são criados com o intuito de tirar alguma vantagem intencionalmente. Na verdade, as distopias “representam cenários nos quais uma ideologia hegemônica é vitoriosa e mostram as consequências da dominância de uma ideologia sobre as demais, da aniquilação dos pensamentos contrários e da sociedade de massa” (FIGUEIREDO, 2011).

Esta pesquisa procura analisar as narrativas distópicas de um grupo de *Whatsapp* bolsonarista no período das 17h do dia 30 de outubro de 2022, quando ocorrem as eleições presidenciais do segundo turno, até às 17h do dia seguinte, momento em que Lula já havia sido declarado presidente eleito. Essas narrativas podem manipular a percepção da realidade, muitas vezes, usando estratégias como a estereotipação e a produção de novos sentidos com o intuito de fortalecer determinadas visões de mundo.

O processo metodológico a ser utilizado é a netnografia com algumas adaptações da que foi desenhada por Kozinets (2014). O autor estabelece alguns critérios como: avisar aos participantes do ambiente digital sobre a pesquisa, pedir permissão e autorização, bem como citar nomes dos envolvidos. Por se tratar de um grupo extremista que vocifera discursos de ódios, entende-se que não será possível realizar os critérios de

netnografia adotados por Kozinets. No entanto, os dados serão reproduzidos de forma fidedigna. Também será realizada uma análise de conteúdo para destacar e compreender as citações distópicas proferidas no grupo de *Whatsapp* em questão. Através dessa análise, espera-se contribuir para um conhecimento mais profundo dos discursos distópicos presentes nos grupos de *WhatsApp* bolsonaristas e de que maneira isso influenciou na construção do imaginário sociopolítico do Brasil.

Desinformação como estratégia

Embora a desinformação esteja muito presente nos ambientes digitais, é preciso entender que ela não surgiu com a internet. Desde a Antiguidade, a palavra tem sido uma ferramenta importante nas relações políticas. É a partir dela que o ser humano constrói a habilidade de convencer, persuadir e manipular (BRETON, 1999). A manipulação de informações foi bastante usada por impérios e regimes totalitários, bem como na democracia, segundo Breton (1999).

Embora as *fake news* tenham encontrado grande projeção no ano de 2016 com as eleições de Trump, o Brasil só vai sentir um efeito devastador deste fenômeno nas eleições presidenciais de 2018. De acordo com Dourado (2020), foram propagadas 346 *fake news* no período eleitoral daquele ano. Uma avalanche de mentiras com mais de 4 milhões de compartilhamentos na reta final do pleito. Uma tentativa clara de derrotar o “inimigo” a todo custo. Para Ruediger (2018), essas eleições de 2018 foram marcadas pelo intenso uso da internet nas campanhas dos candidatos, bem como escândalos ligados à propagação de *fake news*.

Ainda nesta época, o temo “pós-verdade” ganha força e surge como um desdobramento da desinformação, ambos intimamente ligados à recusa de informações verdadeiras. No dicionário de Oxford, temos a pós-verdade definida como “relativa circunstância em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que emoções e crenças pessoais” (OXFORD LANGUAGES, 2016).

Não fosse o suficiente, temos a consolidação de uma ferramenta muito propícia à difusão de *fake news*: o *Whatsapp*. Para Thompson (2002), as dinâmicas das relações sociais sofrem mutações à medida que novos meios de comunicação são difundidos. Na era da informação, vemos cada vez mais os aplicativos de troca de mensagens aglutinarem

os processos comunicacionais. Uma pesquisa recente feita pela Reuters (2023) mostra que, no Brasil, apenas 16% das pessoas se dizem confortáveis em opinar politicamente fora das redes sociais. Wardle & Derakhshan (2017) dizem que as dinâmicas de compartilhamento de conteúdo e seu espalhamento em larga escala fazem com que a desinformação seja frequentemente associada às mídias sociais.

A era das mídias sociais acompanhada do crescimento da extrema direita e de um sentimento antipolítico é o cenário ideal para a disseminação da desinformação. Segundo Lazer (2017), as notícias sobre política em plataformas como o *Whatsapp* têm o poder de alcançar grupos que possuem pouco ou nenhum interesse por política e que, portanto, estariam mais suscetíveis a crer em notícias falsas.

O *Whatsapp* se caracteriza como sendo um ambiente propício para a divulgação de *fake news* devido ao seu anonimato e à pouca ou nenhuma regulação no aplicativo. A pós-verdade e a desinformação são grandes problemas da sociedade moderna, pois, ao legitimar as falsas narrativas, abre-se espaço para o aumento da desconfiança em relação à política, às instituições e às fontes jornalísticas tradicionais (CASTELLS, 2018).

Sociedades distópicas

Para compreender como as distopias são criadas em um ambiente midiático, é preciso estar atento aos estudos sobre distopias na comunicação. A pesquisadora Carolina Dantas de Figueiredo em sua tese “Admirável Comunicação Nova: Um Estudo sobre a Comunicação nas Distopias Literárias” analisa como as distopias literárias problematizam questões relacionadas à comunicação. A pesquisa investiga como as narrativas distópicas trabalham a manipulação da informação, as formas de controle e a construção de sociedades irreais. Tal abordagem se insere na análise sobre as narrativas distópicas dos grupos de *Whasatpp* bolsonaristas que fantasiam uma realidade paralela de forma intencional para manter o poder e desenvolver um mecanismo de controle social. Tais discursos se concentram no medo e no receio de que algo novo (vindo do inimigo) está por acontecer. Para além da construção de uma sociedade distópica, a intenção de quem está no controle do discurso é a de manter um sistema opressivo, levando os participantes à alienação e ao isolamento.

O discurso de ódio e violência do ex-presidente Jair Bolsonaro e de grande parte de seus eleitores leva à necessidade da compreensão do conceito de necropolítica desenvolvido por Achille Mbembe, no qual morte e violência são usadas como mecanismos de controle e governança. Ao observar os dados coletados do grupo de *Whatsapp*, faz-se necessário ter entendimento dos conceitos trazidos pelo autor camaronês. Se o partido de esquerda possui políticas voltadas para os mais pobres e políticas antirracistas, na visão de Mbembe, quem se opõe a este modelo estaria exercendo uma espécie de necropolítica:

Assim, nos contextos brasileiros, o poder necropolítico se faz visível no sistema carcerário, na população em situação de rua, nos *apartheids* urbanos nas grandes e pequenas cidades brasileiras, em dados relevantes, no genocídio da população negra que em sua maioria é jovem e masculina, na eclosão dos grupos de justiceiros, nos hospitais psiquiátricos, nas filas das defensorias públicas, nas urgências e emergências hospitalares, entre tantos outros lugares (LIMA, 2017).

Desta forma, a necropolítica refere-se à capacidade de algumas estruturas de poder determinarem quem tem direito de viver e quem está destinado à morte. Isto acontece por meio da violência direta, da exploração econômica ou do abandono sistemático de certas camadas da população. Para Mbembe, a necropolítica coloca a racionalidade e os limites éticos de lado.

Grupos de *Whatsapp* e a criação de narrativas distópicas

O grupo de *Whatsapp* escolhido para esta pesquisa é público, portanto, não foi preciso ter permissão para entrar. Possui em torno de 30 integrantes de diversas partes do Brasil e, em grande maioria, são homens brancos. Porém, há uma participação ativa de mulheres nas conversas como veremos a seguir:

Data: 31 de outubro de 2023

Horário	Temática
17h às 18h	<ul style="list-style-type: none">• Homem compartilha matéria sobre Venezuela determinar fechamento de 86 emissoras de rádio em 2022. Ele questiona se é isso que queremos para o nosso país.

18h às 19h	<ul style="list-style-type: none">• Mulher avisa ao grupo que se prepare, pois haverá guerra civil e assim os militares devem entrar.
19h às 20h	<ul style="list-style-type: none">• Decretada a vitória de Lula, homem sugere fazer “impeachment do ladrão”.• Mulher sugere que ao invés de fazer “mimimi” que o povo deve tomar as ruas junto aos caminhoneiros, senão estaremos fadados ao caos. Ela completa com a frase: “nossas escolhas definirão nosso amanhã”.• Mulher diz que o Lula é o próprio demônio.• Mulher diz que o inimigo venceu.• Homem pergunta se é hora da guerra civil.• Não identificado diz que quer ver o povo comer lavagem daqui a uns anos.• Homem diz que a maior vergonha agora é ver os generais baterem continência para um bandido.• Homem diz que o <i>Whatsapp</i> será o único lugar de liberdade de expressão pois a mídia toda será regulada.• Homem diz que Nordeste sempre está nos últimos lugares em relação ao crescimento, saúde, educação e que o povo não acorda por ter uma paixão miserável no PT como ele nunca viu.• Homem diz que o Nordeste é burro.• Mulher diz que o Nordeste foi voto comprado.
20h às 21h	<ul style="list-style-type: none">• Homem diz que Brasil será Venezuela ano que vem.• Homem diz que o mal venceu o bem.• Mulher diz que é o fim dos tempos, o apocalipse.• Homem diz que é o fim do Brasil.

	<ul style="list-style-type: none">• Homem diz que é para lutar e que vai comprar fuzil.• Homem encaminha mensagem que pede para que pessoas se preparem para a guerra.• Homem diz que as Forças Armadas vão assumir o Brasil.• Homem confirma citação acima e diz que as Forças Armadas já estão reunidas.
21h às 22h	<ul style="list-style-type: none">• Homem diz que brasileiro que votou no Lula vai comer ovo no lugar da picanha.• Não identificado diz que a picanha será de rato, cachorro, gato e passarinho.• Homem diz estar disposto à guerra e diz que tem que fechar tudo.
22h às 23h	<ul style="list-style-type: none">• Homem diz que lutará até a morte pela liberdade.• Mulher pede intervenção militar.• Mulher diz que deseja guerra civil.• Homem diz que há possibilidades de voltarmos a 64 (fazendo referência à instauração da ditadura militar). Completa dizendo que as saidinhas de presídio aumentarão. Há possibilidade de entrarmos em conflito.• Homem diz que o narcoestado venceu e que bilhões de pessoas morrerão de fome com o bloqueio da produção de alimentos ao serem implantadas as políticas verdes do Fórum Econômico Mundial.
23h às 24h	<ul style="list-style-type: none">• Não identificado diz que Geraldo Alckimin (vice-presidente eleito) estaria sendo apoiado pela Nova Ordem Mundial.• Homem alerta que inteligência da PF e a ABIN já estão agindo.

Data: 01 de novembro 2023

12h às 13h	<ul style="list-style-type: none">• Mulher diz que Bolsonaro está impedido de se pronunciar, pois as Forças Armadas querem ver se o povo vai reagir indo para as ruas por vontade própria, sem que o presidente fale algo para que a esquerda não alegue que ele “insufiou” a revolta.• Homem alerta ao grupo que façam compras pois o Brasil está parando. Rodovias já estariam bloqueadas pelos caminhoneiros e ninguém passa. As comidas serão escondidas nos mercados e os preços irão para as alturas. Ele finaliza dizendo que comprem o que puderem. Cita o apocalipse e que ainda não perderam as eleições.• Não identificado diz que Bolsonaro aguarda todos na rua pedindo para acionar as Forças Armadas.• Mulher compartilha pedido de intervenção militar e convoca todos a irem às ruas.
13h às 14h	<ul style="list-style-type: none">• Homem diz que Bolsonaro está impedido de falar e que o povo deve causar instabilidade até os militares assumirem o Brasil.• O mesmo homem encaminha outra mensagem dizendo que o povo tem que ir às ruas pois Bolsonaro está proibido de se pronunciar.• Mulher encaminha mensagem dizendo que Bolsonaro está acuado para não atrapalhar a movimentação do povo que deve ir aos quartéis. A mensagem termina pedindo estado de sítio.
14h às 15h	<ul style="list-style-type: none">• Homem diz que Lula está indo ao encontro do presidente da Argentina e que logo trará um plano comunista para o Brasil.

15h às 16h	<ul style="list-style-type: none">• Homem encaminha mensagem afirmando que silêncio de Bolsonaro é a maior mensagem passada até hoje e que o povo indo para as ruas em 72 horas, o artigo 142 é decretado perante a lei.
------------	--

Utilizando o procedimento metodológico da netnografia, no qual a pesquisadora esteve inserida no ambiente digital, observou-se a dinâmica e interação entre os participantes e, posteriormente, foram coletados *prints* durante as 24 horas entre o dia da eleição no segundo turno para presidente e o dia seguinte. Neste intervalo de tempo, contabilizou-se centenas de mensagens de vários integrantes, em sua grande maioria acerca das eleições e do resultado que aconteceram neste dia. A partir da compreensão da distopia na comunicação, foram filtradas as conversas até chegar a um total de 40 discursos que esta pesquisa vai nomear como desinformações distópicas, pois as narrativas são a intersecção de *fake news* e conteúdos distópicos. As mensagens foram transcritas e agrupadas por data e horário para melhor entender a ordem cronológica dos fatos. Vale reforçar que não serão expostos nem o nome do grupo nem a identidade dos participantes. Pode-se observar que a maioria das citações são em tom bélico, o que denota o caráter violento da conversa. A coleta destes dados é importante para chegar à compreensão dos impactos da desinformação nestas comunidades digitais, assim como observar as estratégias para divulgá-las. O medo, o preconceito e o discurso de ódio predominam.

Das mensagens colhidas, 25 são proferidas por homens, 12 por mulheres e 3 não identificados. Ainda no dia da eleição, foram 31 narrativas distópicas contra 9 do dia seguinte. Entre as desinformações distópicas em destaque estão: O Brasil vai virar Venezuela; Haverá guerra civil; Lula é o próprio demônio; Toda a mídia será regulada; Nordeste é burro; É o fim dos tempos, apocalipse; As Forças Armadas vão assumir o Brasil; Narco-estado venceu; Geraldo Alckmin estaria sendo apoiado pela Nova Ordem Mundial. Percebe-se como o conteúdo destas mensagens não tem qualquer embasamento, respaldo ou conexão com a realidade. São narrativas que perpassam a fronteira da opinião: são imperativas, assustadoras e conspiratórias. Percebe-se ainda que a construção

destas realidades distópicas são cuidadosamente calculadas com o intuito de haver a manutenção dos sistemas opressivos e a alienação político-social.

A violência nas mensagens possui um desejo de aniquilar o suposto inimigo. Os estudos de necropolítica de Mbembe apontam para as várias formas pelos quais, no mundo contemporâneo, existem estruturas com o objetivo de provocar a destruição de alguns grupos. Percebe-se o desmonte da democracia à medida que tais indivíduos solicitam a tomada de poder pelas Forças Armadas. Cria-se uma realidade paralela na qual o então presidente Jair Bolsonaro estaria apenas esperando o clamor da população para que os militares façam uma intervenção.

Considerações finais

Através de dados divulgados em um espaço de 24 horas, esta pesquisa investigou a quantidade de narrativas distópicas proferidas em um grupo de *Whatsapp* bolsonarista. Foram 40 discursos que moldavam situações paralelas ao distorcer a percepção da realidade e propagar intencionalmente mensagens enganosas. Dentro de um contexto de desinformação, presume-se que esses discursos, além de distópicos, são também caracterizados como *fake news*, já que, para Allcott e Gentzkow (2017), *fake news* são definidas como artigos de notícias que são intencionalmente falsos e possíveis de verificação como tal, e que podem enganar os leitores. Esses grupos de *Whatsapp* bolsonaristas funcionam como ambientes propícios para a disseminação de informações falsas e teorias conspiratórias, gerando medo, desconfiança e polarização política.

De acordo com os dados coletados na pesquisa, a maioria dos discursos possuía um tom bélico, insuflando a população contra o novo governo eleito. A desinformação distópica nem sempre fica restrita ao grupo de *Whatsapp*. Ela pode furar a bolha, se espalhar e encontrar eco em outras plataformas, moldando firmemente parte da opinião pública e até mesmo interferindo em processos eleitorais. A divulgação de desinformação distópica neste e em outros tantos grupos pode ter contribuído com o movimento criminoso do 8 de janeiro, quando milhares de apoiadores de Bolsonaro invadiram e depredaram os prédios de instituições públicas em Brasília, entre elas, o Palácio do Planalto. Diante disso, entende-se que os grupos de *Whatsapp* bolsonaristas podem levar as narrativas distópicas para além do ambiente midiático. A invasão do 8 de janeiro foi

algo nunca visto na história da democracia brasileira e, talvez, algo inconcebível no imaginário da população.

Por estarem imersos na bolha bolsonarista, os membros de tais grupos de *Whatsapp* talvez não tenham percebido que, ao consumirem as citações distópicas, eles se afastam dos fatos e das evidências científicas e passam a encarar as *fake news* como a “verdadeira história”. E é de dentro dessa narrativa paralela que muitos tomam suas decisões políticas, econômicas e sociais.

Os discursos de ódio e o preconceito predominam no grupo investigado em questão e pode-se associar esta prática ao conceito de necropolítica de Mbembe que define que certas estruturas sociais usam a violência e a morte como forma de controle e aniquilação. Como consequência, vemos uma sociedade fragmentada, um debate político enfraquecido e uma constante ameaça à democracia. Desta forma, impede-se a criação de um senso comum e de ações que sejam pautadas na realidade.

A desinformação distópica é capaz de minar a confiança nas instituições democráticas, na grande mídia, e levar a um estado permanente de teoria da conspiração contra o governo e os reais interesses do país. É preciso que haja uma educação midiática assertiva e combativa que incentive a formação do pensamento crítico conscientizando as pessoas sobre o perigo da desinformação. Vale ressaltar que mais de seis meses se passaram do governo Lula e nenhuma desinformação distópica do grupo se concretizou: o Brasil não é socialista, não virou uma Venezuela, não houve intervenção das Forças Armadas e Bolsonaro não pode continuar no poder porque, agora, ele está inelegível.

Referências bibliográficas

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. (2017). **Social media and news in the 2016 election**. *Journal of Economic Perspectives*, 31 (2): 211-36. Disponível em: < 10.1257/jep.31.2.211 >. Acesso em: 15 de abr. de 2023.

BRETON, P. **A manipulação da palavra**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

DIGITAL NEWS REPORT, Reuters (2023). Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023/unpacking-news-participation-online%20engagement-over-time>. Acesso em: 27 de jun de 2023.

CASTELLS, M. **Ruptura: A crise da democracia liberal**. 2. Ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2018.

DOURADO, T. **Fake news na eleição presidencial de 2018 no Brasil, 2020**. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/31967/1/Tese_Tatiana%20Dourado.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

EUROPEAN COMMISSION. **A multi-dimensional approach to disinformation**: Report of the independent High level Group on fake news and online disinformation. Luxembourg: European Union, 2018. Disponível em: <<https://coinform.eu/wp-content/uploads/2019/02/EU-High-Level-Group-on-Disinformation-A-multi-dimensionalapproachtodisinformation.pdf>>. Acesso em: 15 de abr. de 2023.

FIGUEIREDO, C. D. **Admirável Comunicação Nova: Um Estudo sobre a Comunicação nas Distopias Literárias**. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/2885>. Acesso em: 06 de jun de 2023.

KOZINETS, R. V. **Netnography: Doing Ethnographic Research Online**, London: Sage, 2010.

LAZER, D. et al. **Combating Fake News: An Agenda for Research and Action Drawn from presentations by**, 2017. Disponível em: <https://shorensteincenter.org/combating-fake-news-agenda-for-research/>. Acesso em: 10 de jun. de 2023.

LIMA, F. **Vidas pretas, processos de subjetivação e sofrimento psíquico**: Sobre viveres, feminismo, interseccionalidades e mulheres negras. In: Pereira, M. O., & Gouvea, R. (Orgs.). *Luta manicomial e feminismos: Discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica brasileira* (pp. 70-85), 2017. Rio de Janeiro, RJ: Autografia.

MIDGLEY, N. **Word of the year 2016 is...** Oxford, 8 nov. 2016. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016> Acesso em: 10 de jun de 2023.

RUEDIGER, M. A.; GRASSI, A. (Coord.). **Desinformação on-line e processos políticos: a circulação de links sobre desconfiança no sistema eleitoral brasileiro no Facebook e no YouTube (2014-2020)**. Policy paper. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2020.

THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade**: uma teoria social da mídia. 5. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking, 2017. Disponível em: <http://tverezo.info/wp-content/uploads/2017/11/PREMS-162317-GBR-2018-Report-desinformation-A4-BAT.pdf>. Acesso em: 10 de jun de 2023.